

DA REFLEXÃO À ACÇÃO - UMA PROPOSTA DE TRABALHO

- Grupo de reflexão na área de psicologia sobre questões relativas à orientação sexual -

Artigo apresentado no Colóquio de Estudos G(ay)L(ésbicos)Q(ueer) “Culturas, Identidades, Visibilidades”
no Instituto Franco-Português, 16 e 17 de Setembro de 2005, em Lisboa (Portugal)

Eduarda Ferreira

Psicóloga. Activista LGBT.

Membro da direcção do Clube Safo - associação de defesa dos direitos das lésbicas

Contactos da autora:

e.ferreira@netcabo.pt

RESUMO

Esta comunicação pretende abordar as razões subjacentes à criação de um grupo de reflexão na área de psicologia sobre questões relativas à orientação sexual:

- (a) de todas as discriminações que ainda subsistem na nossa sociedade, a discriminação com base na orientação sexual é uma das que mais utiliza, de forma abusiva e incorrecta, o conhecimento científico como suporte;
- (b) querer repor o rigor científico onde por vezes imperam opiniões meramente pessoais;
- (c) acreditar que os diversos campos da saber científico podem contribuir para uma sociedade mais justa e sem discriminações, em que a diversidade é encarada como um valor a defender;
- (d) assumir o compromisso de divulgar o conhecimento científico disponível de forma a prevenir que seja utilizado de forma menos correcta.

Palavras-chave: orientação sexual, discriminação, grupo de reflexão

A ideia da criação de um grupo de reflexão na área de psicologia sobre questões relativas à orientação sexual surgiu, de forma pública e manifesta, nas I Jornadas Lésbicas, organizadas pelo Clube Safo e pelo Instituto de Psicologia Aplicada (ISPA) em 2002, quando Gabriela Moita lançou esta ideia. A ideia rica e promissora em si própria, não teve seguimento prático até que, de novo numa iniciativa do Clube Safo em colaboração com as Panteras Rosa e o ISPA, no Encontro sobre Homoparentalidade realizado em 2004, José Ornelas voltou a lançar a ideia. Estando, nessa altura, reunidas mais condições de mobilização de alguns psicólogos presentes nesse encontro, avançámos com este projecto. De reuniões pontuais, em que nos propusemos reflectir sobre a fundamentação e objectivos subjacentes à existência de um grupo de reflexão deste tipo, até às estratégias e caminhos a percorrer para a sua concretização, algumas ideias já foram sendo delineadas. O que me proponho hoje aqui fazer, é partilhar convosco as nossas ideias e projectos, e lançar o desafio para que mais psicólogos se juntem à nossa reflexão e venham contribuir na concretização deste grupo.

A integração da Rede Internacional para questões de orientação sexual na psicologia é uma das nossas propostas. Esta rede teve origem na reunião internacional sobre questões lésbicas, gay e bissexuais na Psicologia, realizada em São Francisco em Agosto de 2001.

Foram estabelecidos contactos iniciais e em futuras reuniões desta rede internacional já poderemos estar representados, mas a adesão formal dependerá da nossa capacidade de nos constituirmos enquanto estrutura associativa, ou como parte integrante de uma estrutura de carácter científico.

A Associação Americana de Psicologia; a Associação Europeia de Gays, Lésbicas e Bissexuais; a Sociedade Britânica de Psicologia; o Conselho Federal de Psicologia do Brasil; a Sociedade de Psicologia da Colômbia, o Instituto Holandês de Psicologia, a Sociedade Australiana de Psicologia e a Associação Canadina de Psicologia são exemplos de associações profissionais de psicologia que já têm grupos activos a trabalhar sobre orientação sexual e que integram neste momento a rede internacional.

Em relação à reflexão já efectuada, devo começar por referir que considerámos ser importante discutir sobre a própria designação do grupo. No resumo da comunicação, disponível no programa do colóquio, o título refere as siglas LGBHT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Heterossexuais e Transgéneros). A utilização das siglas, ou a utilização de uma designação mais abrangente como “questões relacionadas com a orientação sexual”, foi exactamente uma das primeiras discussões que fomos fazendo. Esta discussão foi relativamente recente, como se pode perceber pela alteração do título da comunicação, entre a entrega do texto do resumo e a apresentação de hoje.

As razões que nos levaram a não utilizar as siglas e a utilizar a expressão mais geral e abrangente de “orientação sexual”, são de várias ordens. Uma primeira razão, é que **acreditamos** que a utilização de conceitos previamente definidos podem limitar as abordagens, as análises e as leituras da realidade. Se falarmos em lésbicas, gays, bissexuais, heterossexuais e transgéneros, já estamos a abordar a questão partindo do pressuposto que estas entidades existem como definidoras da orientação sexual, quando o que queremos é promover uma visão mais abrangente, inclusiva e diversificada da sexualidade humana. Poderemos referir e aprofundar qualquer questão relativa às definições mais restritas LGBHT, mas não queremos assumir à partida que a utilização destes conceitos é a única forma de leitura e interpretação da realidade.

Outra das razões, é a definição do próprio grupo como grupo de reflexão e intervenção profissional. Definimos nos princípios e linhas orientadoras, um rumo mais científico-profissional e não de activismo LGBHT, assumindo também que qualquer intervenção ao nível da prática da cidadania é uma intervenção política e de activismo. Mas um activismo como resultado da nossa reflexão e prática, e não como definição do grupo e da sua acção.

Cruzamos a nossa actividade com o activismo quando se considera e bem, que toda a intervenção pública é política, e que toda a reflexão que tem como objectivo a acção, também é claramente política.

Dos já referidos princípios e linhas orientadoras do grupo , salientamos algumas que nos parecem ser fundamentais para a actividade a desenvolver:

- a discriminação com base na orientação sexual tem utilizado, de forma abusiva e incorrecta, o conhecimento científico como suporte. Neste contexto, queremos contribuir para uma abordagem científico-profissional das questões relativas à orientação sexual, quer a nível das práticas da Psicologia ,quer a nível da divulgação na comunicação social;
- Encaramos a diversidade como um valor a defender e queremos agir para que os diversos campos do saber científico possam contribuir para uma sociedade mais justa e sem discriminações;
- assumimos o compromisso de divulgar o conhecimento científico disponível de forma a prevenir que seja utilizado de forma menos correcta.

Passaremos agora a analisar o enquadramento dos princípios e propostas apresentadas.

Para além das nossas percepções pessoais de que no discurso profissional, nomeadamente na Psicologia, ainda subsiste a ideia de que algo está mal com uma pessoa quando com a sua

orientação sexual não é a heterossexual, a tese de doutoramento de Gabriela Moita “Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico” dá-nos indicações preciosas sobre as configurações da homossexualidade por parte dos clínicos em Portugal. Das várias conclusões que este estudo apresenta, salientamos algumas que nos parecem particularmente relevantes para a fundamentação da constituição deste grupo de reflexão, que passo a citar:

“o facto de existirem em Portugal clínicos que ainda entendem a homossexualidade como um défice, ...

... o facto de os profissionais de saúde suprirem o desconhecimento ou incertezas sobre a origem da homossexualidade e questões a ela ligadas, com teorias que não estão comprovadas, nem sequer são consensuais entre a comunidade científica...

... e que os clínicos internalizam o discurso hegemónico preconceituoso e, por sua vez, devolvem-no, agora validado sob a capa de científico, ao contexto social que o dissemina, sobretudo pela velocidade e superficialidade dos meios de comunicação.”

Tendo em conta estas realidades, considerámos urgente a criação deste grupo de reflexão, no sentido de podermos contribuir para uma maior colaboração entre psicólogos que se preocupam com questões relacionadas com a orientação sexual e com a promoção de um maior conhecimento sobre este tema.

Como atitude transversal e declarada à partida, assumimos claramente a rejeição da concepção de que orientações sexuais não heterossexuais são sinónimo de qualquer tipo de desajuste ou perturbação psicológica. Temos consciência de que toda a ciência está intimamente relacionada com a visão do mundo dos profissionais que a produzem, utilizam e divulgam, e como tal consideramos mais ético e potencialmente produtivo assumirmos claramente a nossa posição sobre este tema. Este ponto de partida, sustentado em investigações científicas actuais, estabelece as fronteiras da nossa intervenção e orienta-nos para acções mais práticas e concretas, como promover e divulgar as práticas de apoio psicológico que tenham uma percepção positiva da diversidade das orientações sexuais.

Os cursos de Psicologia e, de uma forma geral, os cursos que preparam para profissões em que as relações interpessoais assumem um papel preponderante, como por exemplo as da área da saúde, do direito, a formação de professores, etc., ainda não contêm nos seus *curricula* uma perspectiva baseada no actual conhecimento científico, sobre as questões relativas à orientação sexual. Continuam, na sua maioria, a promover uma visão heterossexista da sociedade, e a não abordar a orientação sexual numa postura abrangente e inclusiva das várias possibilidades, em que a diversidade é o único denominador comum. Este é um campo onde também nos propomos

intervir, promovendo a integração de questões de orientação sexual nos currículos dos cursos do ensino superior, em que tal seja relevante.

Uma questão crítica e fracturante nos discursos sobre a homossexualidade é a abordagem que se faz da homoparentalidade, fronteira nítida do discurso que diz aceitar as orientações sexuais não heterossexuais, mas que continua a diferenciar e a discriminar quando falamos em questões de parentalidade. O que os estudos científicos nos dizem, é que o desenvolvimento psicossociológico das crianças educadas em contextos homoparentais é em tudo semelhante ao de qualquer outra criança. Os resultados dos estudos não são suficientes para promover a mudança de concepções relativas à homoparentalidade, e consideramos fundamental questionar as razões subjacentes à realização dos mesmos. Fazem-se estudos exaustivos sobre possíveis benefícios ou malefícios de uma criança crescer numa família homoparental, mas raramente são feitos estudos específicos sobre a influência que poderá ter numa criança crescer numa família heteroparental. Nem a palavra heteroparental é utilizada, considera-se que existem famílias e as famílias homoparentais, o que é mais um reforço do heterossexismo vigente e que se auto alimenta. Neste contexto, tomam-se decisões a nível institucional com base num modelo heterossexista de família, o que pode implicar que não sejam considerados como prioritários os direitos das crianças, mas sim algumas ideias preconcebidas de quem pode ou não ser considerado como figura parental.

Pretendemos ter uma postura o mais possível transparente e rigorosa na abordagem das questões relativas à orientação sexual, incentivando a realização de estudos científicos sobre o tema e promovendo a sua divulgação, de forma a podermos contribuir para um conhecimento cada vez mais profundo e abrangente.

Trata-se de olhar a Psicologia como uma ciência, um corpo de conhecimentos organizado, construído com base em métodos e técnicas de investigação que a suportam e legitimam. Se assim não for, entramos no campo das opiniões pessoais que poderão ser livres e diversas, mas que nunca deveriam ser utilizadas em nome de uma ciência. E muitas vezes nos deparamos com opiniões meramente pessoais, proferidas em nome da ciência, por profissionais que se identificam como sendo da área da psicologia ou afins. Queremos ter a capacidade de reagir pronta e eficazmente, quando situações deste tipo se verificarem, e tentar repor o rigor e a honestidade científico-profissional.

Resumindo e fazendo um apanhado das nossas principais propostas de intervenção, já delineadas ao longo desta comunicação, pretendemos intervir nas questões relacionadas com a orientação sexual, nomeadamente:

- Promover a produção e divulgação de informação, junto da comunidade científica e do público em geral;
- Incentivar a integração do tema nos currícula dos cursos de Psicologia, da área de saúde, do direito, da formação de professores, etc;
- Apoiar e orientar trabalhos de investigação que contribuam para o desenvolvimento de abordagens abrangentes neste domínio;
- Promover apoio e acções de formação para os técnicos no activo, em órgãos institucionais com importante poder decisório, como por exemplo na área da justiça;
- Promover o desenvolvimento e a divulgação de serviços de apoio psicológico que tenham uma percepção positiva das orientações sexuais não heterossexuais;
- Colaborar com outras associações/grupos locais, nacionais e internacionais, nomeadamente com associações profissionais de outras áreas de intervenção.

Para concretizarmos estas propostas propomos, como passo inicial, a criação de um sítio na internet, com coordenação científica claramente definida e assumida, onde se possa organizar e disponibilizar informação científica sobre o tema, proporcionar fóruns de discussão, divulgar contactos de clínicos que assumem na sua prática profissional uma abordagem não heterossexista nem homofóba, constituir uma rede de contactos de suporte para quem pretende desenvolver projectos de investigação sobre esta temática e permitir a reacção pronta a declarações públicas de personalidades científicas com carácter discriminatório em relação à orientação sexual.

Como objectivo a médio prazo, pretendemos trabalhar no sentido de possibilitar a aproximação deste grupo de reflexão a associações nacionais de carácter científico na área da psicologia, de forma a podermos definir uma estrutura formal que nos permita avançar para intervenções com maior impacto, como por exemplo a rede internacional para questões de orientação sexual na psicologia, e a constituição de uma estrutura profissional que sirva de garante que as investigações e as práticas clínicas em psicologia, respeitam a diversidade das orientações sexuais.

Está lançada a ideia e a proposta de trabalho, vamos continuar a trabalhar na sua concretização e contamos com a adesão de mais colegas a este projecto.